



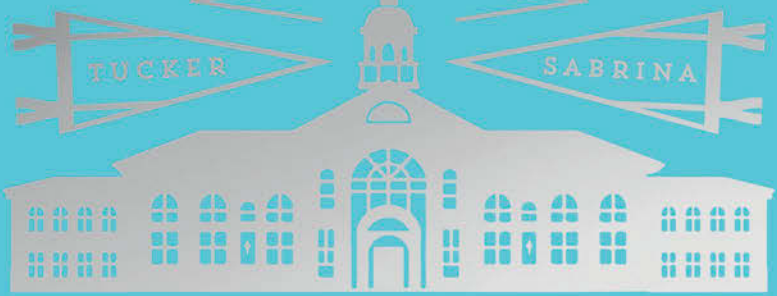
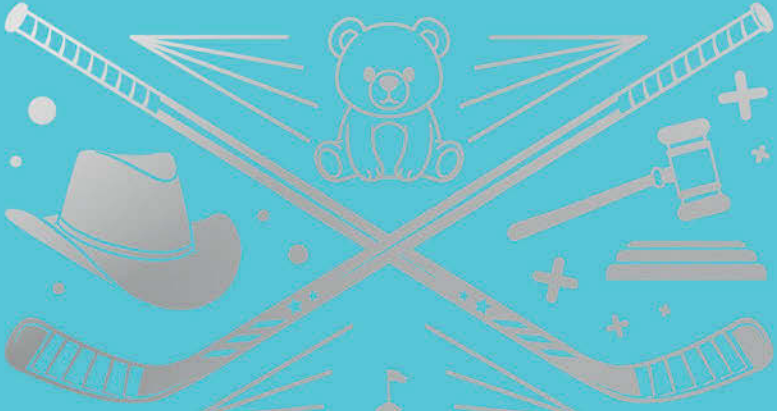
OFF-CAMPUS #4



A



META



ELLE KENNEDY



1

Sabrina

Outubro

— Merda. Merda. Merda. Meeerrrda. Onde estão as minhas chaves?

O relógio afixado no corredor estreito indica-me que tenho cinquenta e dois minutos para fazer uma viagem que demora sessenta e oito minutos, se quiser chegar a tempo à festa.

Vasculho novamente na mala, mas as chaves não estão lá. Dirijome a vários locais. Armário? Não. Casa de banho? Ainda agora lá estive. Cozinha? Talvez...

Estou prestes a dar meia-volta quando ouço um som metálico atrás de mim.

— Estás à procura disto?

O desprezo aloja-se na minha garganta quando me viro e entro numa sala de estar tão pequena que as cinco peças de mobília antiquada — duas mesas, um sofá, uma poltrona e uma cadeira — estão coladas umas às outras como se fossem sardinhas em lata. O pedaço de carne que está sentado no sofá agita as minhas chaves no ar. Ao ver o meu suspiro de irritação, ele sorri e coloca-as debaixo do rabo coberto pelas calças de fato de treino.

— Vem buscá-las.

Passo uma mão pelo cabelo alisado com o ferro, frustrada, e depois aproximo-me do meu padrasto.

— Dá-me as chaves — exijo.

Por sua vez, o Ray fita-me com lascívia.

— Bolas, estás sexy esta noite. Tornaste-te uma miúda mesmo gira, Rina. Tu e eu devíamos enrolar-nos.

Ignoro a mão que ele está a levar à braguilha. Nunca conheci um homem tão desesperado por tocar no seu material. Ele faz com que o Homer Simpson pareça um cavalheiro.

— Tu e eu não existimos um para o outro. Por isso, não olhes para mim e não me chames Rina. — O Ray é a única pessoa que me chama assim e eu odeio. — Agora dá-me as chaves.

— Já te disse para as vires buscar.

Com os dentes cerrados, enfio a mão debaixo do rabo dele e procuro as chaves. O Ray geme e contorce-se como o merdoso que é até a minha mão tocar no metal.

Pego nas chaves e volto para junto da porta.

— Qual é o problema? — pergunta ele em jeito de troça. — Não temos laços de sangue.

Detenho-me e gasto trinta segundos do meu tempo precioso a olhar para ele, incrédula.

— És meu padrasto. Casaste-te com a minha mãe. E — engulo um pedaço de bÍlis — andas a dormir com a minha avó. Por isso, não é por não termos laços de sangue. É por seres o ser humano mais nojento do planeta e por achar que devias estar na prisão.

Os seus olhos cor de avelã obscurecem-se.

— Vê se tens tento na língua, minha menina, ou um dia destes ainda chegas a casa e tens as portas trancadas.

Que se lixe.

— Eu pago um terço da renda desta casa — relembro-lhe.

— Então se calhar vais começar a pagar mais.

Ele vira-se para a televisão, e eu passo mais trinta segundos valiosos a fantasiar que estou a dar-lhe com a minha mala na cabeça. Tempo bem passado.

Na cozinha, a minha avó está sentada à mesa a fumar um cigarro e a ler a *People*.

— Viste isto? — pergunta ela. — A Kim K está novamente nua.

— Que bom para ela. — Pego no casaco que está pendurado nas costas da cadeira e encaminho-me para a porta da cozinha.

Descobri que é mais seguro sair de casa pelas traseiras. Costuma haver mândios sentados nos alpendres das casas estreitas da nossa rua, nesta zona pouco recomendável de Southie. Além disso, a nossa garagem fica nas traseiras da casa.

— Ouvi dizer que a Rachel Berkovich está grávida — comenta a minha avó. — Ela devia ter abortado, mas pelos vistos é contra a religião dela.

Cerro novamente os dentes e viro-me para a minha avó. Como de costume, ela está a usar um roupão velho e uns chinelos de quarto cor-de-rosa, mas o cabelo pintado de loiro está penteado na perfeição e está completamente maquilhada, apesar de raramente sair.

— Ela é judia, avó. Acho que não é contra a sua religião, mas, mesmo que fosse, continua a ser uma escolha dela.

— Provavelmente anda à caça de mais cupões para receber alimentos — conclui a minha avó, soprando um fio comprido de fumo na minha direção. Merda. Espero não cheirar a cinzeiro quando chegar a Hastings.

— Acho que não é por isso que a Rachel vai ficar com o bebé. — Com uma mão na porta, remexo-me e fico à espera de que surja a oportunidade de me despedir da minha avó.

— A tua mãe ponderou abortar quando estava grávida de ti.

Pronto.

— Já chega — murmuro. — Vou para Hastings. Volto à noite.

Ela levanta a cabeça da revista e semicerra os olhos, enquanto contempla a minha saia de malha preta, a minha camisola preta de manga curta com um decote redondo e os saltos de sete centímetros. Consigo ver as palavras a formarem-se na sua cabeça antes de lhe saírem da boca.

— Estás toda janota. Vais para a tua faculdade finória? Tens aulas a um sábado à noite?

— Vou a um cocktail — respondo com relutância.

— Oh, vai dar tudo ao mesmo. Espero que não fiques com as mãos inchadas de tanta graxa que vais dar.

— Obrigada, avó. — Abro a porta das traseiras e obrigo-me a acrescentar um «Adoro-te».

— Também te adoro, minha querida.

Ela adora-me mesmo, mas, às vezes, esse amor é tão disfuncional que nem sei se me está a ajudar ou a prejudicar.

Não consigo fazer a viagem até Hastings em cinquenta e dois minutos, nem sequer em sessenta e oito minutos. Demoro uma hora e meia, porque as estradas estão péssimas. E depois demoro mais cinco minutos a encontrar um lugar de estacionamento e, quando chego a casa da professora Gibson, estou mais tensa do que um fio de piano... e a sentir-me igualmente frágil.

— Olá, Sr. Gibson. Peço muita desculpa pelo atraso — digo ao homem de óculos que está junto à porta.

O marido da professora Gibson lança-me um sorriso contido.

— Não te preocupes, Sabrina. O tempo está péssimo. Deixa-me pegar no teu casaco. — Ele levanta uma mão e aguarda pacientemente enquanto eu dispo o casaco de lã.

A professora Gibson chega quando o marido está a pendurar o meu casaco barato no meio das peças de roupa caras que estão no bengaleiro. Parece tão destoadado quanto eu. Afasto os sentimentos de desenquadramento e esboço um sorriso radiante.

— Sabrina! — exclama a professora Gibson, alegremente. A sua presença imponente chama-me a atenção. — Ainda bem que chegaste inteira. Já está a nevar?

— Não, só a chover.

Ela sorri e pega-me no braço.

— Pior ainda. Espero que não estejas a planear voltar para a cidade esta noite. As estradas vão estar cobertas de gelo.

Uma vez que tenho de trabalhar de manhã, tenciono fazer esse caminho independentemente das condições da estrada, mas não quero que a professora fique preocupada, por isso esboço um sorriso tranquilizador.

— Eu fico bem. Ela ainda cá está?

A professora aperta-me o antebraço.

— Está e mal pode esperar por te conhecer.

Fantástico. Respiro fundo pela primeira vez desde que cheguei aqui e deixo que me conduza pela sala em direção a uma mulher baixinha de cabelo grisalho, vestida com um *blazer* de cor pastel e umas calças pretas. O conjunto é insípido, mas os diamantes que lhe brilham nas orelhas são maiores do que o meu polegar. Além disso, ela parece demasiado afável para uma professora de Direito. Sempre imaginei os professores de Direito como criaturas sisudas e rígidas. Como eu.

— Amelia, deixa-me apresentar-te a Sabrina James. É a aluna de quem te tenho falado. É a melhor da turma dela, tem dois empregos e, mesmo assim, conseguiu um 18 nos exames de admissão. — A professora Gibson vira-se para mim. — Sabrina, Amelia Fromm, professora extraordinária.

— Prazer em conhecê-la — digo eu, estendendo a mão e pedindo a Deus que esteja seca e não húmida. Antes deste encontro, estive uma hora a praticar apertos de mão comigo própria.

A Amelia dá-me um aperto de mão leve e depois afasta-se.

— Mãe italiana, avô judeu, daí a estranha combinação de nomes. James é escocês... É daí que vem a sua família? — Os olhos dela percorrem-me, e eu resisto à vontade que sinto de remexer impacientemente na minha roupa barata da Target.

— Não sei dizer, professora. — A minha família vem do bairro. A Escócia parece demasiado elegante e chique para ser a nossa terra natal.

Ela acena com uma mão.

— Não é importante. Eu sou apreciadora de genealogia. Com que então candidatou-se a Harvard? Foi o que a Kelly me disse.

Kelly? Eu conheço alguma Kelly?

— Ela está a referir-se a mim, querida — diz a professora Gibson com uma gargalhada delicada.

Coro.

— Pois, desculpe. Penso em si como professora.

— Tão formal, Kelly! — acusa a professora Fromm. — Sabrina, a que outras faculdades concorreu?

— Boston College, Suffolk e Yale, mas Harvard é o meu sonho.

A Amelia arqueia uma sobrelanceira ao ouvir a minha lista de três faculdades de Boston.

A professora Gibson intervém em minha defesa.

— Ela quer ficar perto de casa. E, como é óbvio, merece ficar numa faculdade melhor do que Yale.

As duas professoras soltam uma risada de escárnio. A professora Gibson concluiu o curso em Harvard e, pelos vistos, quando se é aluno de Harvard, a antipatia por Yale é eterna.

— Tendo em conta tudo o que disse a Kelly, parece que seria uma honra para Harvard tê-la como aluna.

— Seria uma honra para mim ser aluna de Harvard, professora.

— Em breve vão ser enviadas as cartas de admissão. — Os olhos dela brilham de divertimento. — Vou dar uma palavrinha por si.

A Amelia esboça outro sorriso, e eu quase desmaio de alívio. Não estava somente a dar-lhe graxa. Harvard é mesmo o meu sonho.

— Obrigada — lá consigo dizer.

A professora Gibson indica-me a comida.

— Porque não comes alguma coisa? Amelia, quero falar contigo sobre um documento que ouvi dizer que vinha de Brown. Tiveste oportunidade de o ler?

As duas viram costas e encetam uma conversa sobre o feminismo negro e a teoria da raça, tema no qual a professora Gibson é especialista.

Dirijo-me à mesa da comida com uma toalha branca, que está repleta de queijo, bolachas e fruta. Duas das minhas amigas mais próximas — a Hope Matthews e a Carin Thompson — já estão junto à mesa. São os dois anjos mais bonitos e inteligentes do mundo.

Apresso-me a ir ter com elas e quase caio nos seus braços.

— Então? Como é que correu? — pergunta a Hope, de maneira impaciente.

— Bem, acho eu. Ela disse que seria uma honra para Harvard ter-me como aluna e que a primeira vaga de cartas de admissão sairá em breve.

Pego num prato e começo a enchê-lo de comida. Gostava que os pedaços de queijo fossem maiores. Tenho tanta fome que podia comer um queijo inteiro. Passei o dia todo a aguardar ansiosamente este encontro e, agora que acabou, apetece-me cair de cabeça em cima da mesa da comida.

— É como se já lá estivesse — declara a Carin.

Somos as três orientandas da professora Gibson, que é uma grande defensora do apoio às jovens mulheres. Há outras organizações de apoio no *campus*, mas a influência dela é orientada especificamente para o empoderamento das mulheres, e eu não podia estar mais grata.

A festa de hoje foi organizada para que os alunos possam conhecer os professores dos programas mais competitivos do país. A Hope quer entrar em Medicina em Harvard e a Carin quer entrar no MIT.

Sim, é um mar de estrogénio na casa da professora Gibson. Além do marido dela, só estão presentes alguns homens. Vou sentir falta desta faculdade quando acabar o curso. Tem sido a minha casa longe de casa.

— Estou a fazer figas — respondo à Carin. — Se não entrar em Harvard, as outras hipóteses são Boston College ou Suffolk. — Não haveria problema em entrar nessas faculdades, mas Harvard garante-me uma hipótese de conseguir o trabalho que almejo depois de concluir o curso. Uma vaga numa das principais empresas de advocacia do país, ou aquilo a que toda a gente chama BigLaw.

— Vais entrar — diz a Hope, confiante. — Espero que quando receberes a carta de admissão, pares de te massacrar, porque, caramba, B, pareces tensa.

Viro a cabeça de um lado para o outro sobre o pescoço rígido. Sim, estou tensa.

— Eu sei. Ultimamente a minha agenda está de loucos. Esta manhã fui para a cama às duas, porque a rapariga que ficou de fazer

o fecho do Boots & Chutes bazou e deixou-me a mim a fazer o fecho, e depois fui obrigada a acordar às quatro para ordenar correio. Cheguei a casa por volta do meio-dia, deitei-me e quase dormi demais.

— Continuas com dois empregos? — A Carin afasta o cabelo ruivo da cara. — Disseste que te ias despedir do emprego como empregada de mesa.

— Ainda não me posso despedir. A professora Gibson disse que eles não querem que trabalhem no primeiro ano da Faculdade de Direito. A única forma de conseguir isso é tendo dinheiro suficiente de lado para comida e renda antes de setembro.

A Carin faz um som de compaixão.

— Eu percebo. Os meus pais vão pedir um empréstimo tão grande que sou capaz de sustentar um país pequeno com ele.

— Gostava que viesses viver connosco — diz a Hope, queixosa.

— A sério? Não fazia ideia — gracejo. — Só disseste isso duas vezes por dia desde que o semestre começou.

Ela franze o nariz bonito na minha direção.

— Ias *adorar* a casa que o meu pai arrendou para nós. Tem janelas grandes e fica mesmo ao lado da linha de metro. Transportes públicos. — Ela agita as sobrancelhas de modo aliciante.

— É muito caro, H.

— Sabes que eu cobria a diferença... ou os meus pais — corrige-se ela. A família desta rapariga tem mais dinheiro do que um magnata do petróleo, mas ela nunca transparece isso. A Hope é do mais simples que há.

— Eu sei — digo enquanto como pequenas salsichas. — Mas eu iria sentir-me culpada, depois a culpa iria transformar-se em ressentimento e deixaríamos de ser amigas, e isso seria uma porcaria.

Ela abana a cabeça na minha direção.

— Se, a qualquer momento, o teu orgulho teimoso te deixar pedir ajuda, podes contar comigo.

— Podes contar *connosco* — intervém a Carin.

— Estão a ver? — Agito o garfo entre as duas. — É por isso que não posso viver convosco. São demasiado importantes para mim.

Além disso, as coisas estão a correr bem. Tenho quase dez meses para poupar antes do início das aulas no próximo outono. Eu cá me safo.

— Pelo menos, vem tomar um copo connosco quando acabar esta festa — implora a Carin.

— Tenho de ir para casa. — Faço um esgar. — Tenho de ordenar embalagens amanhã.

— Num domingo? — pergunta a Hope.

— Por umas horas. Não podia recusar. Na verdade, é melhor ir-me embora daqui a pouco. — Pouso o prato na mesa e tento perceber o que se está a passar do outro lado da janela ampla. Só vejo escuridão e gotas de chuva a cair no vidro. — Quanto mais cedo me for embora, melhor.

— Com este tempo, não vais a lado nenhum. — A professora Gibson surge junto ao meu cotovelo com um copo de vinho. — A meteorologia prevê neve forte, descida de temperatura e chuva com formação de gelo.

Basta olhar para o rosto da minha orientadora para perceber que vou ser obrigada a ceder. Por isso, cedo, mas com grande relutância.

— Está bem — digo —, mas vou ficar sob protesto. E tu. — Apon-to com o garfo na direção da Carin. — É bom que tenhas gelado no congelador para o caso de eu ter de ficar em tua casa. Caso contrário, vou ficar furiosa.

Desatam-se as três a rir. A professora Gibson afasta-se, deixando-nos a conversar como só três alunas sabem fazer. Depois de uma hora de conversa, eu, a Hope e a Carin pegamos nos casacos.

— Aonde vamos? — pergunto-lhes.

— O D'Andre está no Malone's e eu disse que ia ter com ele lá — diz-me a Hope. — Fica a dois minutos de carro daqui, por isso é tranquilo.

— A sério? O Malone's? É um bar de hóquei — lamurio-me. — O que é que o D'Andre está lá a fazer?

— Está a beber e está à minha espera. Além disso, precisas de dar uma queca e os atletas são o teu tipo preferido.

A Carin solta uma gargalhada.

— O único tipo dela.

— Tenho um bom motivo para preferir atletas — contesto.

— Eu sei. Já ouvimos falar. — Ela revira os olhos. — Se queres a resposta a uma pergunta sobre estatísticas, escolhe um fã de matemática. Se precisas de satisfazer uma necessidade física, escolhe um atleta. Os corpos são as ferramentas de um atleta de elite. Eles tratam do corpo, sabem como superar os seus limites, blá-blá-blá. — A Carin faz um gesto com a mão esquerda a imitar uma boca tagarela.

Levanto o dedo do meio.

— Mas fazer sexo com uma pessoa de quem se gosta é muito melhor. — Quem o diz é a Hope, que está com o D'Andre, o namorado que joga futebol americano, desde o primeiro ano.

— Eu gosto deles... na cama — protesto.

Rimo-nos, e depois a Carin menciona um rapaz que revelou um desempenho abaixo da média.

— Lembram-se do Greg-Dez-Segundos?

Estremeço.

— Em primeiro lugar, obrigadinha por teres avivado essa memória tão má e, em segundo lugar, não estou a dizer que não há desilusões. Só que as hipóteses são melhores com um atleta.

— E os jogadores de hóquei são desilusões? — pergunta a Carin.

Encolho os ombros.

— Não sei. Não os risquei da minha lista de possibilidades por causa do seu desempenho na cama, mas sim por serem imbecis privilegiados que recebem favores especiais das professoras.

— Sabrina, amiga, tens de esquecer isso — pede a Hope.

— Não. Os jogadores de hóquei estão fora da minha lista.

— Vê só o que andas a perder. — A Carin lambe os lábios com lascívia exagerada. — Aquele rapaz da equipa que tem barba? Quero conhecer a sensação daquilo. As barbas estão na minha lista de desejos, sabes?

— Então vai em frente. Se eu não quero jogadores de hóquei, mais sobram para ti.

— Parece-me bem, mas... — Ela sorri. — É preciso lembrar-te de que te enrolaste com o mulherengo do Di Laurentis?

Que nojo. Nunca mais quero que me lembrem disso.

— Em primeiro lugar, eu estava podre de bêbeda — resmungo. — Em segundo lugar, isso aconteceu no segundo ano. E em terceiro lugar, foi por causa dele que eu risquei os jogadores de hóquei.

Apesar de a Universidade Briar ter uma equipa de futebol americano que já ganhou um campeonato, é conhecida como uma universidade do hóquei no gelo. Os rapazes que usam patins são tratados como deuses. E um deles é o Dean Heyward-Di Laurentis. Está na licenciatura de Ciências Políticas como eu, por isso tivemos várias cadeiras juntos, incluindo Estatística no segundo ano. Essa cadeira foi difícil para caraças. Toda a gente teve dificuldades.

Todos menos o Dean, que andava a comer a professora assistente.

E — para choque geral! — ela atribuiu-lhe um 18, que ele não merecia de todo. Tenho a certeza disso, porque nos juntaram no trabalho final e eu vi a porcaria que ele entregou.

Quando soube que ele tinha tido um 18, apeteceu-me cortar-lhe a pila. Foi tão injusto. Dei o litro nessa cadeira. Quero dizer, eu dou o litro em todas as cadeiras. Todas as minhas conquistas estão manchadas com o meu sangue, suor e lágrimas. E depois há idiotas que têm tudo de mão beijada? Nem. Pensar.

— Ela está a ficar chateada outra vez — sussurra a Hope para a Carin.

— Está a pensar que o Di Laurentis teve um 18 naquela cadeira — sussurra também a Carin. — Ela precisa mesmo de dar uma queca. A última foi há quanto tempo?

Começo a fazer-lhe um pirete quando me ocorre que não me lembro da última vez que me enrolei com alguém.

— Houve o Meyer? O rapaz do lacrosse. Isso foi em setembro. E depois disso houve o Beau... — Animo-me. — Estão a ver? Foi há pouco mais de um mês. Não é propriamente uma emergência nacional.

— Miúda, alguém com a tua agenda não pode passar um mês sem sexo — contrapõe a Hope. — És uma bola de stress andante,

o que significa que precisas de uma pila em condições pelo menos... todos os dias — determina ela.

— De vez em quando — argumenta a Carin. — Dá algum tempo ao seu jardim feminino para descansar.

A Hope acena com a cabeça.

— Está bem. Mas esta noite a vagina dela não vai ter descanso.

Solto um ronco trocista.

— Estás a ouvir, B? Já comeste, fizeste uma sesta de tarde e agora precisas de dar umas cambalhotas — declara a Carin.

— Mas o Malone's? — repito, cautelosa. — Acabámos de estabelecer que o bar está repleto de jogadores de hóquei.

— Não só. Aposto que o Beau está lá. Queres que pergunte ao D'Andre? — A Hope levanta o telemóvel, mas eu abano a cabeça.

— O Beau ocupa-me demasiado tempo. Ele gostava de falar durante o sexo. Já eu quero despachar a coisa e ir-me embora.

— Oh, falar! Assustador.

— Cala-te lá.

— Obrigá-me. — A Hope agita a cabeça enquanto as suas madeixas compridas batem contra o meu casaco, e depois sai da casa da professora Gibson.

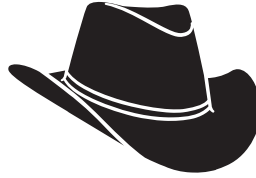
A Carin encolhe os ombros e segue-a e, depois de um segundo de hesitação, eu faço o mesmo. Os nossos casacos já estão encharcados quando chegamos ao carro da Hope, mas pusemos os capuzes, por isso o cabelo sobrevive à molha.

Não me apetece mesmo conversar com nenhum rapaz esta noite, mas não posso negar que as minhas amigas têm razão. Ando tensa há várias semanas, e nos últimos dias tenho sentido uma... comichão. O tipo de comichão que só um corpo duro e musculado e, de preferência, uma pila com tamanho acima da média pode coçar.

Só que sou extremamente seletiva com os rapazes com quem me enrolo e, tal como temia, constato que o Malone's está cheio de jogadores de hóquei quando eu e as meninas entramos no bar cinco minutos depois.

Mas se é com isto que tenho de lidar, não faz mal nenhum apalpar o terreno e ver o que acontece.

Ainda assim, continuo sem expectativas enquanto sigo as minhas amigas até ao balcão do bar.



2

Tucker

— Mantém-te longe daquela ali, puto. Ela é tóxica.

O Dean está a partilhar a sua sabedoria (normalmente mal orientada) com o nosso ala esquerdo, o Hunter Davenport, quando eu entro no Malone's depois de sair da chuva impiedosa.

As estradas estão péssimas e eu não quero estar aqui esta noite, mas o Dean insistiu que precisávamos de festejar. Passou o dia todo a andar de um lado para o outro em casa, mal-humorado e claramente chateado, mas quando lhe perguntei o que se passava, ele encolheu os ombros e disse que se sentia nervoso.

O que é mentira. Podem achar-me um tipo calado em comparação com os meus colegas de equipa que falam pelos cotovelos, mas não sou lento. E certamente não preciso de ser um detetive para juntar as pistas.

A Allie Hayes, a melhor amiga da namorada de outro dos nossos colegas de casa, dormiu lá ontem à noite.

O Dean é um mulherengo.

As miúdas adoram o Dean.

A Allie é uma miúda.

Logo, o Dean dormiu com a Allie.

Além disso, encontrei roupas espalhadas pela sala de estar, porque o Dean é fisicamente incapaz de fazer sexo no quarto.

Ele ainda não admitiu, mas sei que vai acabar por o fazer. Também sei que, o que quer que tenha acontecido entre eles ontem

à noite, a Allie não tenciona repetir. Só ainda não percebi porque é que isso incomoda o Dean, o rei das aventuras de uma noite.

— Ela não me parece tóxica — responde o Hunter, enquanto eu me abano para secar a água do cabelo.

— Ei, Fido — resmunga o Dean na minha direção. — Vai secar-te para outro lado.

Reviro os olhos e sigo o olhar do Hunter, que está colado a uma morena magra que está de costas para nós e virada para o balcão comprido. Vejo uma saia curta, pernas de arrasar e cabelo escuro e grosso a cair-lhe sobre as costas. Já para não falar do rabo mais redondo, sexy e espetacular que alguma vez tive o prazer de admirar.

— Boa — comento antes de lançar um sorriso ao Dean. — Deduzo que já te tenhas apressado a reclamá-la.

O rosto dele fica pálido de horror.

— Nem pensar. É a Sabrina, meu. Já tenho de levar com ela todos os dias nas aulas. Não preciso de levar com ela também fora da faculdade.

— Espera, aquela é a Sabrina? — pergunto lentamente. É esta a rapariga que o Dean jura que é a inimiga dele? — Já a vi no *campus*, mas não sabia que era dela que estavas sempre a reclamar.

— É ela — murmura ele.

— Que pena. É jeitosa. — Por acaso, é bem mais do que jeitosa. No dicionário, ao lado da palavra «jeitosa», aparece uma fotografia do rabo da Sabrina. Também poderia estar ao lado de expressões como «linda», «brasa» e «boa como o milho».

— O que se passa entre vocês? — intervém o Hunter. — É tua ex? O Dean retrai-se.

— Credo, não.

O caloiro comprime os lábios.

— Então, não vou quebrar o código masculino se me atirar a ela?

— Queres atirar-te a ela? Força. Mas aviso-te já de que aquela cabra te vai comer vivo.

Viro o rosto para esconder um sorriso. Parece que alguém deu uma nega ao Dean. Há uma história qualquer entre eles, mas,

mesmo depois de eu e o Hunter insistirmos para que ele conte, o Dean fecha-se em copas. Na outra ponta do bar, a Sabrina vira-se. Provavelmente, sente os olhos de três rapazes a cravarem-se no seu rabo, e dois deles estão famintos.

O olhar dela incide no meu e ela não o desvia. Há um desafio nos seus olhos, e o jogador que existe dentro de mim mostra-se à altura.

És homem suficiente para mim? É o que parece que ela me está a perguntar.

Nem fazes ideia, querida.

Uma faísca de calor ilumina-lhe o olhar... pelo menos até ver o Dean. Sem demora, os seus lábios comprimem-se numa linha fina e ela levanta o dedo do meio na nossa direção.

O Hunter grunhe e sussurra qualquer coisa sobre o Dean ter estragado as hipóteses dele. Mas o Hunter é um menino, e aquela rapariga tem fogo suficiente dentro dela para atear fogo ao mundo. Não a vejo a querer levar um rapaz de 18 anos para a cama, sobretudo se ele se mostra derrotado ao primeiro obstáculo. O rapaz tem de enrijecer se quer jogar na liga dos crescidos.

Enfio a mão no bolso para procurar dinheiro.

— Vou buscar uma cerveja. Precisam de outra?

— Estou bem — diz o Hunter, e o Dean abana a cabeça.

Depois de cumprir a minha função de amigo, encaminho-me na direção do bar e da Sabrina, e chego na altura em que o barman lhe entrega a bebida. Pouso uma nota de vinte dólares.

— Eu pago essa bebida e quero uma *Miller*, quando tiveres tempo.

O barman pega na nota e dirige-se à caixa registadora antes de a Sabrina conseguir protestar. Ela lança-me um olhar contemplativo e depois leva a garrafa de cerveja aos lábios.

— Não vou dormir contigo porque me ofereceste uma bebida — diz ela por cima do rebordo da garrafa.

— Espero que não — respondo enquanto encolho os ombros. — Tenho padrões mais elevados do que isso.

Aceno educadamente com a cabeça e regresso à mesa onde alguns dos meus colegas de equipa estão reunidos. Atrás de mim,

consigo sentir os olhos dela a cravarem-se nas minhas costas. Uma vez que ela não me consegue ver, permito que um sorriso de satisfação se espalhe pelo meu rosto. Esta é uma rapariga que está habituada a que tentem seduzi-la, o que significa que a minha conquista tem de surpreender um pouco.

Na mesa, o Hunter está a fazer olhinhos a outro grupo de raparigas, e o Dean está a olhar fixamente para o telemóvel, provavelmente a trocar mensagens com a Allie. Questiono-me se os outros rapazes saberão que eles se enrolaram. Provavelmente não. O Garrett e o Logan estão em Boston com as namoradas até amanhã, por isso o mais provável é estarem à nora. Mas o Garrett insistiu com o Dean para que ele se mantivesse afastado da Allie este fim de semana. Ele não queria que a sua vida perfeita com a Hannah, a melhor amiga da Allie, fosse prejudicada.

Uma vez que não tem havido discussões por telemóvel, aposto que o Dean e a Allie decidiram não contar a ninguém que se enrolaram ontem à noite.

Quando o Hunter abre a boca para lançar uma frase de engate fofoleira a uma das raparigas que se aproximaram da nossa mesa, as luzes tremeluzem de modo sinistro.

O Dean franze o sobrolho.

— Está o Apocalipse lá fora ou quê?

— A chuva não está para brincadeiras — digo-lhe.

Depois disso, o Dean decide ir-se embora. Eu fico no bar, apesar de nem me apetecer estar aqui esta noite. Não sei porquê, mas esta breve troca de olhares com a Sabrina deixou-me um pouco alterado.

Não tenho propriamente falta de raparigas na minha vida. Posso não me vangloriar das minhas conquistas como o Dean e o Logan ou os meus outros colegas de equipa, mas faço sexo com frequência. Até sou capaz de me envolver em casos de uma noite se estiver para aí virado.

E, neste momento, estou para aí virado.

Quero a Sabrina debaixo de mim. Em cima de mim. Onde quer que ela se queira meter, para mim serve. E quero tanto, que me vejo

obrigado a passar a mão pela barba para não ceder à vontade de a baixar ainda mais e esfregá-la noutro sítio.

Continuo sem saber o que pensar da barba. Deixei-a crescer na altura do jogo do campeonato na primavera passada, mas acabou por se avolumar tanto que a cortei no verão. Depois voltou a crescer porque sou um preguiçoso de primeira, e aparar-lhe as pontas é mais fácil do que rapá-la toda.

— Senta-te, meu — encoraja-me o Hunter. Ele regista com os olhos que há três raparigas e dois rapazes, mas estas raparigas, por mais bonitas que sejam, não me interessam minimamente.

— São todas tuas, meu.

Bebo o resto da garrafa e regresso ao bar, onde a Sabrina continua de pé. Entretanto aproximaram-se mais dois predadores. Lanço-lhes um olhar fulminante e sento-me no banco vazio ao lado dela.

Encosto um cotovelo atrás de mim na direção do balcão, para lhe dar a ilusão de espaço. Ela faz-me lembrar um daqueles póneis indomáveis, com olhos grandes, pernas compridas e a promessa de que te darão a melhor corrida da tua vida. Mas basta tocar-lhe cedo demais, e ela desata a correr e nunca mais a apanhas.

— És amigo do Di Laurentis?

As palavras saem de modo descontraído, mas tendo em conta que ela e o Dean não simpatizam muito um com o outro, provavelmente só há uma forma certa de responder e é negando tudo.

Mas não vou fazer isso a um amigo, nem sequer para dar uma queca. E, seja qual for o desentendimento que a Sabrina tem com o Dean, não me influencia, tal como a opinião do Dean sobre a Sabrina não vai moldar aquilo que procuro nela. Além disso, acredito piamente na expressão que diz que as primeiras impressões são fundamentais.

— É meu colega de casa.

Ela não faz o mínimo esforço para esconder o desagrado e começa a descartar-me.

— Obrigada pela bebida, mas acho que estou a ver as minhas amigas a acenarem-me. — Ela acena a um grupo de raparigas.

Olho para o grupo e constato que nenhuma delas está a olhar na nossa direção, e depois viro-me para ela com um aceno triste de cabeça.

— Vais ter de fazer melhor do que isso. Se queres que me vá embora, manda-me embora. Pareces uma rapariga que sabe o que quer e não tem medo de o dizer.

— Foi isso que o Dean te disse? Aposto que me chamou cabra, não chamou?

Desta vez, opto por ficar de boca calada. Em vez disso, bebo um gole da bebida.

— Ele tem razão — prossegue ela. — Sou mesmo e não peço desculpa por isso.

O seu queixo estende-se para fora de modo adorável. Eu até o apertava, mas era capaz de perder uns dedos e preciso deles mais tarde. Tenciono percorrer todo o seu corpo.

Ela bebe outro gole da cerveja que eu lhe ofereci, e eu observo os músculos delicados da sua garganta a mexerem-se. Caramba, ela é linda. O Dean podia ter dito que ela suga vida a bebés e, mesmo assim, continuaria a atrair-me. Exerce esse tipo de atração.

E não sou só eu. Metade da população masculina do bar está a lançar olhares de inveja na minha direção. Desvio ligeiramente o corpo para a esconder.

— Está bem — digo, baixinho.

— Está bem? — Ela adota uma expressão confusa adorável.

— Sim. Isso devia afugentar-me?

Ela une as sobrancelhas perfeitas.

— Não sei o que mais ele disse, mas não sou fácil. Não me oponho a enrolar-me com alguém, mas sou exigente com quem levo para a minha cama.

— Ele não disse nada em relação a isso. Só disse que gostavas de o irritar. Mas ambos sabemos que o ego do Dean consegue aguentar um golpe de vez em quando. A questão é se estás interessada nele. Parece-me que sim, porque só falas nele. — Encolho os ombros. — Se for esse o caso, eu bazo agora mesmo.

Embora o Dean tenha dito que não gostava da Sabrina, quero garantir que ela não sente nada por ele. O tom de voz dela quando falou sobre ele indicava raiva, não ressentimento, e eu interpreto isso como um bom sinal. A raiva pode ser motivada por várias coisas. O ressentimento, normalmente, está relacionado com mágoa.

Quando — e não se — formos para a cama, deverá ser porque ela quer estar comigo, e não para se vingar do Dean.

Ela olha por cima do meu ombro para o local onde o meu colega de equipa continua sentado e depois novamente para mim. Bebemos em silêncio durante uns minutos. Os seus olhos cor de chocolate são difíceis de ler, mas tenho a sensação de que ela está a estudar cuidadosamente as minhas palavras. Pode ser que esteja a contar que eu fale, que preencha o silêncio, mas eu também estou à espera de que ela fale. Além disso, dá-me tempo para a escrutinar. E, a esta distância, é ainda mais bonita do que eu achava.

Ela não tem só um rabo espetacular e pernas compridas. As suas mamas são do tipo que consegue transformar um homem em religioso. Do género: «Obrigada, Jesus, por criares esta criatura gloriosa» e «Por favor, Senhor, que ela não seja lésbica». Não olhar descaradamente para as protuberâncias sob a camisola dela é uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer.

Por fim, ela pousa a garrafa em cima do balcão.

— Só porque és bonito, não quer dizer que eu esteja interessada. Sorrio.

— Um rapaz tem de começar por algum lado.

Um sorriso relutante forma-se nos cantos da sua boca. Ela limpa a mão à saia e estende-a.

— Sou a Sabrina James. Já ouvi todo o género de piadas sobre ser uma bruxa e não, não estou apaixonada pelo Dean Di Laurentis.

Dou-lhe um aperto de mão e uso o contacto para a puxar um pouco mais para mim. Com esta rapariga tem de ser um passo de cada vez.

— John Tucker. Folgo em ouvi-lo, mas quero que saibas que o Dean é como um irmão para mim. Há quatro anos que jogamos juntos,

vivemos juntos durante três anos, e tenciono estar presente no casamento dele e espero que ele esteja presente no meu. Dito isto, ele é meu amigo, não meu paizinho.

— Espera lá. Vais casar-te? — pergunta ela, baralhada.

É engraçado que, de entre todas as coisas que disse, foi isso que lhe ficou na cabeça. Passo a mão pelo exterior do seu braço e descrevo um círculo no pulso com os dedos.

— No futuro, querida. No futuro.

— Oh. — Ela pega na garrafa de cerveja, mas depois poussa-a quando se apercebe de que está vazia. — Espera. Tu queres casar-te?

— Um dia, sim. — Rio-me ao notar a perplexidade dela. — Hoje não, mas sim, um dia quero casar-me e ter um filho ou três. E tu?

O barman aproxima-se, e eu empurro outra nota de vinte dólares na sua direção.

Mas a Sabrina abana a cabeça.

— Vou conduzir. Uma cerveja chega-me.

Peço então duas águas, e ele regressa rapidamente com dois copos altos.

As luzes piscam novamente e sinto uma onda de urgência na barriga. Tenho de fechar este negócio rapidamente ou ainda o perco.

— Obrigada — diz ela enquanto bebe a água. — E não, não me imagino a ter filhos ou marido num futuro próximo. Além disso, achava que os jogadores de hóquei gostavam de curtir a vida.

— Mais tarde ou mais cedo, até os grandes jogadores se reformam. — Sorrio por cima do rebordo do copo.

Ela ri-se.

— Está certo. Talvez tenhas razão. Então qual é a tua licenciatura, John?

— Tucker. Toda a gente me trata por Tucker ou Tuck. E é Gestão.

— Então és capaz de gerir o dinheiro que ganhas no hóquei?

Ainda não lhe larguei o pulso e, a cada olhar que trocamos, estou a encurtar a distância entre nós.

— Não. — Aponto com a cabeça para o joelho. — Sou demasiado lento para os profissionais. Levei uma pancada no secundário.

Consegui uma bolsa de estudo aqui na faculdade, mas conheço os meus limites.

— Oh, lamento. — Denoto um arrependimento na voz dela.

O Dean é um tonto. A rapariga é do mais doce que há. Mal posso esperar por lhe pôr a boca em cima.

E as mãos.

E os dentes.

E o meu pénis duro como aço.

— Não fiques com pena. Eu não fico.

Deslizo o braço por cima do balcão até a Sabrina estar essencialmente no círculo dos meus braços. Os pés dela estão no meio dos meus e, se chegar as ancas um pouco para a frente, consigo estabelecer o contacto pelo qual o meu corpo anseia. Mas se há coisa que aprendi durante todos estes anos a jogar hóquei, é que a paciência é recompensada. Não podemos dar uma tacada logo quando o *stick* recebe o disco. Temos de esperar pela oportunidade certa.

— Nunca quis isso — acrescento. — E acho que é uma daquelas coisas que temos mesmo de querer fazer.

E é aí que ela me dá a oportunidade certa.

— Então o que é que queres?

— Quero-te a ti — respondo com ousadia.

Acontecem duas coisas. As luzes apagam-se completamente e ela quase deixa cair o copo. A *jukebox* desliga-se e, de repente, o bar fica demasiado silencioso. À nossa volta, ouvem-se algumas risadas e alguns gritos de decepção.

— Tenham calma, meninos — grita um dos empregados. — Vamos ver o que se está a passar. O gerador deve iniciar a qualquer momento.

Como se adivinhasse, um zumbido enche o ar e depois uma luz ténue ilumina a sala à pinha.

— Continuas com sede? — pergunto, enquanto afago o interior do seu pulso com movimentos demorados e delicados, na direção da parte interior do cotovelo e descendo depois de volta para o pulso. E repito. Várias vezes.

Ela baixa o olhar para as nossas mãos unidas e arregala os olhos, como se só agora se apercebesse de que estamos a tocar um no outro há dez minutos. Eu inclino-me para ela e roço o nariz na parte exterior do lóbulo da orelha, enchendo os pulmões com o seu perfume com notas de especiarias.

Podia ficar aqui o dia inteiro. A expectativa tem qualquer coisa de incrível que até se torna quase dolorosa. Torna a libertação mais explosiva. Tenho a sensação de que fazer sexo com a Sabrina James vai ser inacreditável.

Porra, mal posso esperar.

Depois de respirar fundo, de tal modo que as suas mamas perfeitas se inclinam na direção do meu peito, ela afasta-se — apenas um pouco, mas o suficiente para criar alguma distância.

— Não estou interessada em relações — diz ela de modo direto. — Se fizermos isto...

— Fizemos o quê? — Não consigo deixar de a picar.

— *Isto*. Não te faças de desentendido, Tucker. És melhor do que isso. Solto uma gargalhada.

— É justo. Tudo bem... — Aceno com uma mão. — Continua...

— Se fizermos isto — repete ela —, não vai passar de sexo. Não quero conversas constrangedoras na manhã seguinte. Não quero chamadas telefónicas.

Afago-lhe a pele uma última vez, e depois solto a mão e deixo que ela fique a interpretar o meu silêncio da forma que quiser. Duvido que uma vez vá ser suficiente para algum de nós, mas se é nisso que ela precisa de acreditar esta noite, eu não me importo.

— Vamos a isso.

Os lábios dela curvam-se.

— Agora?

— Agora. — Humedeço o lábio inferior com a língua. — A não ser que queiras ficar aqui sentada a continuar com rodeios sobre o facto de querermos despir as roupas um ao outro.

Ela solta uma gargalhada vinda da garganta que me desce diretamente aos testículos.

— Muito bem visto, Tucker.

Meu Deus. Adoro a forma como o meu nome soa naqueles lábios carnudos em forma de beicinho. Talvez lhe peça que diga o meu nome quando a fizer vir-se.

O desejo que sinto dentro de mim é tão forte que sou obrigado a apertar as nádegas e a respirar pelo nariz para tentar diminuí-lo. Agarro o cotovelo da Sabrina e encaminho-me para a porta. Algumas pessoas chamam o meu nome ou dão-me uma palmadinha nas costas para me dar os parabéns pelo bom jogo. Eu ignoro-os a todos.

Cá fora continua a chover. Puxo a Sabrina para mais perto de mim e coloco o casaco de hóquei preto e prateado sobre a cabeça dela. Felizmente, a minha carrinha está ali perto.

— Por aqui.

— Belo lugar de estacionamento — observa ela.

— Não me posso queixar. — É uma das vantagens de ser titular numa equipa de hóquei universitária vencedora de um campeonato.

Ajudo-a a entrar na carrinha, e depois sento-me no lugar do condutor e ligo o carro.

— Para onde?

Ela estremece um pouco, se bem que não sei se é do frio ou por outro motivo.

— Eu vivo em Boston.

— Em minha casa então. — Porque nem por sombras consigo esperar uma hora para chegar à cidade. O meu pénis vai explodir.

Ela pousa a mão no meu pulso antes que eu consiga engatar a marcha-atrás.

— Vives com o Dean. Não vai ser desconfortável para ti?

— Não. Porque haveria de ser?

— Não sei. — Ela esfrega os nós dos meus dedos com o dedo indicador.

Cerro os dentes e sinto a ereção quase a irromper pelo fecho-éclair. A única razão por que não a beijei assim que saímos do bar foi porque, se tivesse começado, provavelmente seria obrigado a

comê-la na zona lateral do edifício. Mas agora ela está a tocar-me, e o meu autodomínio é mais efêmero do que uma nuvem de vapor.

— Vamos fazê-lo aqui — diz ela, determinada.

Franzo o sobrolho.

— Na carrinha?

— Porque não? Precisas de velas e pétalas de rosa? É só sexo — insiste ela.

— Querida, se continuares a dizer isso, vou começar a questionar-me se é mesmo a mim que queres convencer. — Fico ofegante quando o seu polegar descreve um círculo pequeno no centro da palma da minha mão. Que se lixe. Preciso demasiado dela. — Mas está bem. Queres comer-me nesta carrinha, por isso é nesta carrinha que vai ser.

Sem dizer mais uma palavra, puxo o assento o mais para trás que consigo. Depois dispo o casaco e atiro-o para o assento de trás.

— Tens regras para o sexo casual? — indago. — Por exemplo, não dar beijos na boca?

— Claro que não. Pareço-te a Julia Roberts? — Arqueio as sobrancelhas. — *Pretty Woman*? — inquire ela. — A prostituta com coração de ouro? Que não dá beijos na boca?

Sorrio.

— Então com isso queres dizer que dás beijos na boca? — Dou uma palmada no peito para que ela saiba que me estou a referir a mim, e não a dar a entender que ela é uma prostituta.

Ela sorri.

— Se não me beijares, vou ficar furiosa. Eu preciso de beijos. Caso contrário, fico em casa com o meu vibrador.

Um sorriso assoma-me ao rosto. Com as costas viradas para o vidro e os pés pousados na consola, crio uma cama para ela deitar o corpo jeitoso e se encostar a mim.

— Então vem buscar aquilo de que precisas.

AVENTURA DE UMA NOITE
COM A SABRINA

PERCEBER QUE QUERO
MAIS DO QUE UMA NOITE

SABER QUE ELA
ESTÁ GRÁVIDA (UPS)

DESCOBRIR QUE ELA
É MUITO TEIMOSA

PROVAR QUE TEMOS
DE FICAR JUNTOS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller_editora

topseller.ed

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-692-9



9 789895 696929